



Entrevista com José Eduardo de Souza

RÁDIO COMUNITÁRIA: O JORNALISTA COMO EDUCADOR POPULAR

Luciano Victor Barros Maluly¹
Colaboração: Marcelo Cardoso²



Fotos de Marcelo Cardoso e Luciano Maluly

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e professor de Radiojornalismo na ECA-USP. E-mail: lumaluly@usp.br

² Mestre em Comunicação pela Facasper e professor de Radiojornalismo na UNISA. E-mail: cardoso_marcelo@uol.com.br

José Eduardo de Souza, ou Zé Eduardo, como gosta de ser chamado, possui uma série de atividades como jornalista, que vão desde o trabalho de assessoria de imprensa até a luta sindical. Uma delas se destaca: a atuação como educador popular na Rádio Comunitária Cantareira.

Nesta conversa, Eduardo revela a importância da formação como jornalista para a atuação nos movimentos e entidades sociais. Define a prioridade da emissora comunitária, com destaque para “as ações de lutas em defesa da vida” e a relação com os protagonistas. Aborda a política editorial do jornalismo com “um pé na aldeia e o olhar global”, com a prioridade para os assuntos de interesse da comunidade.

O jornalista alerta para a retomada e o fortalecimento de rádios alternativas e cidadãs. Discute a audiência e o aperfeiçoamento dos mecanismos de interação. Observa alguns critérios que auxiliam no ensino do radiojornalismo, entre eles, a participação, a formação e o trabalho coletivo. Destaca a humildade e a integração como fatores essenciais para o jornalista, ou melhor, para o educador popular.

O encontro aconteceu na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, à Rua Rego Freitas, 530, Sobreloja, na Vila Buarque, na Cidade de São Paulo, e contou com a participação especial do jornalista e professor Marcelo Cardoso.

Luciano Maluly: Gostaria que você se apresentasse para servir de incentivo às pessoas que ouvirão esta entrevista.

Zé Eduardo: Meu nome é José Eduardo de Souza. Eu uso, na comunicação e na imprensa, Zé Eduardo. Sou jornalista formado em 2004, mas a minha atuação e a minha prática na área jornalística já vêm de muitos anos. Eu comecei fazendo boletim e folhetim de comunidade, revistinha de grupos de jovens. Um trabalho mais firme que fiz foi uma revista chamada *Cartas Abertas*. Eu editava essa revista, que era um periódico do movimento de pessoas com deficiência, chamado FCD (Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes). Depois houve uma alteração no nome, ficando apenas Fraternidade Cristã de Deficientes. Um movimento internacional que existe no Brasil desde 1972. Essa revista mostra a situação, a realidade, com depoimentos de deficientes do Brasil inteiro. Eu recebia cartas com informações de deficientes dos mais diversos

lugares do Brasil, de norte, sul, leste e oeste do país, e editava, transcrevia, porque as cartas vinham escritas à mão. Na época ainda não existia o e-mail, não existia a Internet. Além de editar a revista, eu fazia o editorial, alguns artigos e textos com os temas da revista, que era trimestral. Eu a fiz durante uns quatro anos. Depois assumi outros trabalhos, como o que nós começamos na zona norte de São Paulo, na Vila Brasilândia, o chamado Jornal Cantareira. Nesse meio tempo, alguns colegas jornalistas me questionavam, dizendo: “Poxa! Você não é jornalista formado e está fazendo jornal”. Aquilo me instigou, me provocou. Então foram duas as motivações para que eu fosse estudar jornalismo: uma foi o desafio dos colegas e digo: “Poxa! Eu posso. Eu vou enfrentar essa situação” e também para melhorar o meu trabalho e a minha atuação no Jornal Cantareira, no movimento social e ajudar outros jovens, outros grupos e comunidades em seus boletins. Então a minha finalidade de fazer jornalismo era exatamente a de atuar nos movimentos sociais e populares. Depois eu acabei entrando no movimento sindical e na assessoria de imprensa. Hoje sou dirigente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, mas atuando sempre em mídia alternativa, na assessoria de imprensa do Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo e na Rádio Comunitária Cantareira, na Vila Brasilândia.

Luciano Maluly: **Quais as prioridades ou as necessidades de uma Rádio Comunitária?**

Zé Eduardo: A rádio comunitária existe em função de uma comunidade, de um lugar específico, geográfico. Ela não é uma rádio, pensando em termos da cidade de São Paulo, de abrangência da cidade, muito menos de uma macrorregião da cidade. Ela se resume a um bairro, uma pequena região. No caso nosso, é a região Brasilândia, que tem hoje aproximadamente duzentos mil habitantes. Então é para essa região que existe a Rádio Comunitária Cantareira. É claro que nós estamos na Internet. Quem acessar a Internet no www.radiocantareira.org vai ouvir a Rádio Cantareira, na Brasilândia, falando do local e também de outros temas que interessam. Então o objetivo fundamental de uma rádio comunitária é servir a uma comunidade, que normalmente não aparece na mídia comercial. Então a gente não tem vez, não tem voz, nem espaço na mídia comercial, seja mídia impressa, na televisão ou no rádio. Se nós olharmos a periferia da cidade de São Paulo e das grandes cidades, e se nós olharmos, sobretudo a

televisão e mesmo o rádio, a gente vai ver que a periferia aparece em situações muito específicas, quais sejam: a violência policial, então dá a impressão de que na periferia só existe a violência e só existem problemas; ou então quando acontece algo muito inusitado, que não tem como esconder, que pode ser algo muito bom, legal e interessante. Então é dessa forma que aparece a periferia. Mas, na periferia, não acontece só violência, não acontecem só situações de morte e situações de abandono, de esgoto a céu aberto. Tem atuação interessante, muito movimento cultural. Existem jovens e outros grupos fazendo música, teatro e cinema na periferia. Grupos cuidam de crianças, para que não caiam no mundo da violência e das drogas. Há famílias e trabalhadores envolvidos em solidariedade com os vizinhos. Muita gente cuida de idosos e de crianças doentes. Essas coisas não aparecem na mídia, até porque não é de interesse mostrar que na periferia há vida inteligente. A rádio comunitária tem como prioridade despertar e mostrar essa ação que acontece na periferia, as ações de lutas em defesa da vida, em defesa de uma melhor qualidade de vida, mas também despertar para participar. Despertar para que as pessoas possam engrossar mais esse caldo cultural, social, da luta por melhores condições de vida, do rap, do hip hop, do samba, do forró, das músicas que aparecem na periferia, que determinam a prioridade da Rádio Comunitária.

Luciano Maluly: **Qual a sua estratégia para atrair o interesse da comunidade, em termos de participação na rádio?**

Zé Eduardo: A estratégia da gente é: primeiro não queremos uma rádio comunitária que seja imitadora da rádio comercial. Não queremos imitar, embora a gente saiba que isso existe. Se você for à Rádio Cantareira ainda vai ter algum resquício disso. Nós estamos justamente trabalhando um processo de informação com os nossos comunicadores exatamente para romper com isso. Nós queremos criar uma rádio alternativa, uma rádio cidadã. Atrair ouvintes é exatamente fazer com que o público seja protagonista, que possa falar. Ele vai pedir a música, mas também vai falar do problema da rua, da festa que acontece na comunidade e da ação social que está desenvolvendo. Ele também vai mostrar a música e a arte que está fazendo. E é óbvio que vai fazer propaganda da rádio e vai chamar a atenção para que as outras pessoas ouçam o que ele está falando na rádio. A estratégia fundamental e principal para nós é exatamente esta,

tanto que o nosso slogan da Rádio Cantareira é “a voz do povo no rádio”, “a voz do povo (nas ondas) do Rádio”. Na Internet, nós dizemos “a voz do povo na Internet”. Se você acessar www.radiocantareira.org, você vai ver o nosso slogan “a voz do povo na Internet”. É exatamente isto que nós queremos propiciar. Nós queremos apenas ser um canal em que as pessoas possam se comunicar, falar e dar a sua opinião. É claro que nossa proposta tem que ser aperfeiçoada. Não é uma coisa que está pronta, acabada. Sempre exige atenção da gente.

Luciano Maluly: Como é feita a seleção das notícias a serem abordadas nos programas jornalísticos da emissora?

Zé Eduardo: Isso é muito importante. Como eu disse anteriormente, o objetivo da rádio é divulgar o que acontece na comunidade, como uma reunião de famílias para lutar para que seja canalizado o esgoto ou uma reunião para ver como vamos conter a violência quanto à criança. Tudo isso é notícia. Num primeiro momento, essas notícias não são censuradas, muito pelo contrário, elas vão para o ar. Claro que os nossos comunicadores, as pessoas que estão ali vão redigir o texto, vão redigir a informação, mas a prioridade é divulgar as notícias. Diante das outras notícias, você vai dizer assim: a rádio comunitária só vai dar notícias do bairro? Não, ela não dá só notícias do bairro. Nós criamos notícias econômicas e sociais. Se descobirmos que aqui tem aumento de verba pública para a saúde ou que o governo cortou verba para a saúde, é lógico que essa notícia vai ser dada também. Diante das notícias sobre a luta dos movimentos sociais na América Latina, nós temos um cuidado e usamos a Internet neste sentido. Recolhemos informações de movimentos de trabalhadores, de movimentos sociais do Chile, na Argentina, no Paraguai, no Uruguai, na Venezuela, na Colômbia, no Peru. Essas notícias são veiculadas na rádio também. Onde nós pegamos essas notícias? Em sites e agências de notícias da América Latina. Uma agência chamada Adital (www.adital.org.br), que é uma agência exclusivamente de movimentos sociais, movimento de lutas. O espaço possui notícias sobre a questão dos direitos humanos, crianças e adolescentes, a família, a mulher, os indígenas e a questão racial. Enfim, todas as questões das lutas sociais da América Latina. Nós tiramos as notícias dali, que é uma das nossas fontes, embora haja outras. Como nós produzimos? Nós vamos ali e vemos as notícias que vão despertar na nossa população, nos nossos ouvintes, uma

atenção especial. Está acontecendo alguma coisa na Argentina? Não ouvimos isso em outros lugares, mas ouvimos na emissora. Tanto que a gente costuma dizer: “Notícias que você não ouve por aí. Você ouve aqui na Rádio Cantareira”.

Luciano Maluly: **Então são duas abordagens: uma em que você traz as notícias e outras em que eles vão atrás?**

Zé Eduardo: Exatamente. Nós costumamos dizer, brincando, um pouco assim: “Nós temos um pé na aldeia e o olhar global”. Nós procuramos olhar o mundo à nossa volta porque, afinal de contas, a Brasilândia não está isolada do mundo. E muita coisa que acontece em Brasília, no Palácio dos Bandeirantes, na sede da Prefeitura, atinge o trabalhador, como o morador da Vila Brasilândia. Essa notícia interessa. Nós estamos atentos e procuramos dar essas notícias. A notícia vem de dois lugares: do bairro e da comunidade. As pessoas trazem essas notícias e ligam avisando: “Vai ter uma reunião ou uma manifestação sobre o Rodoanel, que vai passar aqui, e nós estamos discutindo como vai ser a desapropriação. Vão jogar muita gente na rua? Como é que vai ser?” A gente vai atrás das informações. São notícias do lugar, trazidas pelo pessoal ou alguém liga e diz que vai acontecer tal coisa. A gente vai investigar para ver como é que tudo aquilo. E o outro lado que são as notícias de fora. Nós estamos atentos. Usamos hoje a tecnologia para isso.

6

Luciano Maluly: **Como você faz para saber se a comunidade ficou satisfeita com a cobertura jornalística da emissora?**

Zé Eduardo: Eu não tenho ainda uma resposta mais objetiva para te dar. Por quê? Em (19)95, quando nós começamos, nós atuamos de 8 a 10 anos, ininterruptamente. Naquele período era muita gente. Nós levamos um tempo para conquistar a audiência. As pessoas comentavam nas comunidades ou nos movimentos sociais e ligavam. Era o telefone que tocava o dia inteiro. A gente tinha um retorno muito grande. Depois a gente teve que sair do ar, por conta da luta pela legalização, pela outorga. Para evitar problemas com a justiça, nós tiramos a rádio do ar. Isso foi uma perda. Imagina que ela vinha crescendo e, de repente, tivemos que interromper. Voltamos só o ano passado. Embora que teve um período que a gente funcionou de outras formas. Sempre não é a mesma coisa. Nós ficamos parados praticamente de

2006, 2007 até agora e retomamos em 2010. Agora, nós estamos num processo de reconquistar o ouvinte. Nós ainda não temos um *feedback* mais apurado, mas já sabemos que a rádio está sendo ouvida, que as pessoas ligam para rádio. O telefone não para de tocar, seja para pedir música, para comentar uma informação ou para passar uma informação. Recentemente, houve um incêndio no final do ano passado numa favela da região. Nós fizemos uma campanha de doação de roupas, utensílios domésticos, de móveis. Muita gente levou coisas e fez doações. “Olha! Nós ouvimos na rádio e viemos trazer para vocês. O pessoal lá da Rádio Cantareira falou e a gente está aqui”. É um *feedback* interessante, mas ele ainda não é como foi no início da rádio.

Luciano Maluly: Quais os métodos que você utiliza para transmitir os ensinamentos de radiojornalismo aos comunicadores / repórteres das emissoras?

Zé Eduardo: Nós temos alguns critérios. A rádio comunitária é uma emissora sem fins lucrativos. Portanto, todos os comunicadores e comunicadoras são voluntários. Mesmo no voluntariado, nós da equipe de coordenação temos algumas exigências acordadas junto já com o processo. Nesse processo, nesses 15 anos, embora tenha ficado fora do ar por alguns anos, um grupo de comunicadores permaneceu conosco, se reunindo sempre. Nós fizemos cursos de formação. Sempre estávamos em contato. Quando tivemos que levantar documentação para Brasília, para o Ministério das Comunicações, esse pessoal participou. Esse grupo, pouco antes da rádio voltar para o ar, estabeleceu um leque de critérios normativos de funcionamento da rádio e de atuação. Para você ser comunicador da Rádio Cantareira, tem alguns critérios fundamentais: você tem que participar das reuniões mensais com todos os comunicadores e dos cursos de formação oferecidos pela coordenação. Também nenhum programa pode ser feito sozinho, tem de ter uma pequena equipe, nem que seja mais um. Diante disso, nós estabelecemos, por exemplo, alguns cursos: locução, a parte técnica operacional, que é a operação tanto na mesa de som quanto com os *softwares* que nós usamos hoje. Nós pensamos: “Há 15 anos, quando a gente fazia campanhas para o pessoal doar discos, os antigos bolachões de vinil para a rádio...”. Hoje vem tudo em MP3 e você baixa na Internet. A diferença é grande, mas o pessoal precisa aprender. Nós temos lá na rádio, e é muito interessante, pessoas com 45, 50, 60 anos de idade aprendendo a mexer na informática, aprendendo a mexer no computador, e jovens de

14, 15 anos ensinando essas pessoas, que querem ser comunicadores. Eles desejam continuar com a gente para fazer locução, operar a mesa de som e o computador. Na parte jornalística, nós temos o curso de programação. Como montar e preparar um programa de rádio, que é de minha responsabilidade. Em julho, nós temos três datas, em agosto mais quatro datas. São encontros em que a gente discute um pouco o que é notícia, como montar a notícia, quanto tempo dura uma notícia. Fazemos exercícios práticos, oficinas para que as pessoas possam de fato fazer. É claro que existem pessoas que têm mais dificuldades, outras menos. Nós estamos trabalhando um pouco com isso, respeitando o limite das pessoas, mas fazendo com que todos possam conhecer e saber como faz. Para chegar o momento em que possam fazer, sem ser ajudados, sem ser assessorados.

***Luciano Maluly:* Você chega a interferir dentro do processo, como o da seleção de uma notícia ou no tipo de cobertura que vai ser feita, por exemplo, uma cobertura de rua ou quando há necessidade de uma entrevista?**

Zé Eduardo: A gente tem conversado, tem tentado trabalhar um pouco isso. Eu tenho algumas limitações porque eu moro no centro da cidade. Atualmente eu vou uma só vez por semana. Eu pretendo ampliar um pouco essa minha ida, justamente para ajudar mais nesse processo. Às vezes, o pessoal liga. “Olha, como a gente faz tal coisa, como busca isso ou faz aquilo, como eu faço uma entrevista, que perguntas...?”. A gente tem ajudado um pouco nesse processo. Eu vou aos sábados exatamente para fazer esse trabalho. Eu tenho chamado para conversar. Vamos pensar melhor esta pauta ou este programa. O programa jornalístico praticamente dito é um programa diário que acontece de segunda a sexta, das 8h às 10h da manhã. Já é um pessoal que está mais tarimbado, um pessoal que tem mais experiência na área, que trabalha com jornal, que ajudou a gente na época que nós tínhamos o jornal impresso, um pessoal mais esperto para esse tipo de questão. Precisa muito pouca ajuda. A gente ajuda, assessora, cobra alguma coisa: “Você precisa preparar algo ali, precisa preparar mais ali, pode contar comigo que estou ajudando”. Mas o pessoal vai tocando. Eu tenho ajudado mais com notícias quase que de fora, as notícias que eu falei da América Latina, dos movimentos sociais, praticamente sou eu quem prepara, justamente porque tenho mais acesso por aqui. As notícias do bairro, como não têm hora para acontecer, nem dia, então fica difícil da

gente ajudar, assessorar melhor o processo de produção. Mas têm acontecido com regularidade e coisas muito legais. Muitas vezes, as pessoas, mesmo sem muita noção, vão lá, com a cara e a coragem. Isso que eu acho legal nos comunicadores da Cantareira. Depois a gente conversa. A gente senta e diz: “Isso poderia ser um pouquinho diferente”. Na próxima ele já melhora. Não ficam na dependência, porque o ruim também é quando fica: “Eu não fui lá porque o fulano não me ajudou. Ele não me disse ou então não me deu um toque ou então não disse o que era para fazer ou como era para fazer”. O pessoal está enfiando a cara e está fazendo. Isso é legal e acho que isso é melhor do que ficar esperando.

Luciano Maluly: E o jornalista como educador popular?

Zé Eduardo: Antes de ser jornalista, eu já atuava no movimento social, nas comunidades, com a maioria daquelas pessoas que estão ali, principalmente os mais velhos. A gente já tinha uma atuação de educador popular. O jornalismo veio a acrescentar. Eu não sou educador popular por causa de ser jornalista. Eu acho que sou jornalista por ter atuado muito mais como educador popular. A atuação da gente funciona muito nesse sentido. Uma coisa fundamental que eu acho e tenho percebido na rádio: às vezes, a gente pisa um pouco mais no acelerador, depois volta um pouquinho, vai mais devagar, põe o pé no freio. A gente prima por um respeito muito grande pelas pessoas e, algumas vezes, exagera um pouco na cobrança e depois, num outro momento, volta, senta, conversa, dá uma afagada aqui e ali, porque esse é o processo. Essas pessoas que estão lá são voluntárias. Eu também sou voluntário. Todos nós ali somos voluntários. Cada um coloca aquilo que pode e que sabe. A sede de aprender de cada um é muito interessante. Tem gente que está se deliciando, está se descobrindo. Tem uma menina que está conosco. Nós fazemos um programa aos sábados chamado *Brasilândia Encanta*, que não tem nada a ver com o jornalismo propriamente dito, com notícias e tal. É um programa que faz entrevistas com artistas da região. A menina entrou de gaiato, porque não tinha gente para ajudar. Ela disse: “Eu vou”. Também acabei entrando nesse sentido. Eu nunca me via entrevistando um cantor, uma cantora, um grupo de samba, um grupo de forró. Hoje estou na rádio fazendo. A gente está descobrindo coisas muito interessantes do ponto de vista cultural, que eu jamais veria se não estivesse numa rádio comunitária. E se não tivesse também aberto a isso: “Não, eu

sou jornalista e só vou trabalhar com a notícia.” Não, você faz de tudo um pouco. Você aprende com essas coisas. De repente, o grupo de samba, forró, pagode ou hip hop é notícia também. Por que não? Essa troca tem sido muito legal.

Luciano Maluly: Como você orientaria um jornalista que vai iniciar um trabalho em uma emissora comunitária?

Zé Eduardo: Depende. Se é um jornalista do bairro ou da região, ele conhece a realidade e tem tudo para socializar o conhecimento. Se ele não é do bairro, mas simpatiza com a proposta, então? O que eu vou falar agora é o que eu estou falando ultimamente com um grupo de jovens, que inclusive foram seus alunos, alguns deles. Eles estão num movimento chamado *Consulta Popular*. Eles formaram um grupo de comunicação e estão lá na rádio tentando ajudar. Eu disse ao grupo, num primeiro momento: “Vocês não moram aqui e vêm de fora. É muito legal. Vocês são muito bem vindos, mas antes de despejarem o que conhecem, o que sabem, aprendam com as pessoas aqui, ouçam as pessoas. Prestem bastante atenção como as pessoas fazem e depois vejam como podem contribuir com o conhecimento de vocês, para somar”. Eu acho que na rádio comunitária, muito mais do que em qualquer outro lugar, mais inclusive do que em outros espaços de mídia alternativa, ninguém compete com ninguém. Somos parceiros e a gente está aqui para somar. E ali, não é porque, por acaso, eu sou jornalista e dirigente sindical, que sou melhor que os outros. Não, de maneira alguma. Eu só talvez sei um pouco mais, mas tem muita coisa que outro sabe que eu não sei. É uma troca. Se eu não conseguir estabelecer isso como educador, como jornalista, como profissional, como ser humano, fica difícil a relação e aí fica difícil o trabalho. A rádio comunitária tem de romper com esse sistema de competição, esse sistema de que um sabe e outro aprende. É uma troca constante e esse processo é fundamental. O que eu diria para os jovens estudantes de jornalismo e, quando eu estudei jornalismo, me lembro que muitos professores diziam para nossos colegas ali, eram quarenta na sala: “Procurem no bairro de vocês um jornal de bairro, um jornal da comunidade, um boletimzinho frente e verso, que é feito lá em algum lugar. Hoje eu diria: “Procurem ver se no bairro, na região, tem uma rádio comunitária. Vai lá. Oferece para ajudar, participe, conheça, saiba como é que funciona esse negócio. É completamente diferente da mídia comercial. Eu sei que muitos estudantes estão hoje

nas universidades, o sonho é ir para a grande mídia, para uma grande rede de televisão ou de rádio. Legal, é legítimo, porque é importante fazer essa experiência também, mas nunca desconsidere quem está embaixo. Embaixo não, quem está do outro lado. Não tem isso de (em) cima e embaixo, mas quem faz um outro tipo de jornalismo. A mídia comunitária, a mídia alternativa, mídia do movimento sindical, do movimento social, é completamente diferente. Ela tem a ética, o respeito humano, a notícia, o jeito de fazer a notícia e tudo mais. Nós primamos pelo respeito às nossas fontes, primamos pelo respeito às pessoas. É fundamental.

Luciano Maluly: A intervenção do jornalista é importante na emissora comunitária?

Zé Eduardo:: Depende de como intervém. Se ele chega, com um pouco disso que a gente falou agora a pouco, com humildade. Se ele senta lá e se faz mais um na comunidade. Escuta primeiro, observa primeiro, aprende com as pessoas, depois vê como é que ele pode colocar-se, aí a intervenção é positiva, importante e necessária. Mas se chega lá, já querendo despejar: “Eu sou jornalista. Eu sei como fazer a notícia, como fazer a notícia no rádio, eu sei como isso, eu sei como aquilo”. Aí nem ele é aceito. As pessoas vão virar as costas, vão abandonar. Vem em um encontro e depois não volta mais. Precisa tomar cuidado, como em todos os ambientes. Em qualquer grupo humano, você vai ser bem recebido ou mal recebido, depende de como chega. É fatal. Se a gente chega com nariz empinado, com certeza, por mais empinados que os narizes sejam, eles não vão aceitar. Vamos chegar com calma, com tranquilidade, com humildade, com simplicidade. Se a gente observa que tem alguma coisa sendo feita errada, errada do ponto de vista técnico, vamos chegar com jeitinho, ajudar a pessoa a fazer. Dizer: “Isso está errado e não é desse jeito”, já complica. Olha: “Que tal fazer de outro jeito?” Às vezes é mais fácil você convencer a pessoa de que tem outro jeito de fazer, escrever e transmitir a notícia do que dizer que está errado.

11

Luciano Maluly: Colaboração do professor Marcelo Cardoso, da Unisa. Sua pergunta.

Marcelo Cardoso: No começo da entrevista você falou que tem a participação dos ouvintes e citou todos aqueles exemplos. Como vocês medem, por exemplo, a

credibilidade para o cara entrar, se ele está falando a verdade ou coisas boas também. Tem uma triagem? Você poderia falar um pouco desses vínculos que se estabelecem entre o ouvinte e a (rádio) comunitária. Você sente que é diferente do vínculo muito forte que, por exemplo, um Eli Corrêa tem com povão, que é o popular. Não é a mesma coisa que a comunitária?

Zé Eduardo: Primeiro, nós precisamos fazer algumas separações aqui. Ao vivo no rádio, cada um é responsável por aquilo que está falando. Normalmente, quando as pessoas ligam fora do ar, dizer assim: “Vai acontecer tal coisa ou está acontecendo tal manifestação ou tem uma rua esburacada ou isso ou aquilo”, isso não vai para o ar antes de ser checado. Nós temos o hábito de checar. Por mais simples e banal que seja a informação, ela não vai para o ar antes de ser checada. Esse compromisso nós temos. Evidente que, ao vivo no ar, eu de repente estou falando com a Dona Maria e ela está dizendo: “Aqui na rua tem isso e aconteceu isso e tal, tal, tal”. Nós anotamos, aquilo foi para o ar, vamos checar e até repercutir aquilo que ela falou. Lá nós temos isso, e é fundamental para nós.

Marcelo Cardoso: Você sente esses vínculos? Você faria algum paralelo?

Zé Eduardo: Na história da associação, são 15 anos, mas já estamos lá há mais tempo. Nós conhecemos as lideranças comunitárias e elas nos conhecem. Se você tem na comunidade uma Dona Benedita, que é uma liderança de uma comunidade, e quando liga, a informação que ela passa tem credibilidade. Ela é uma fonte de informação segura, diferente de um Zezinho, que diz: “Eu sou ouvinte da rádio. Eu gosto muito de vocês e aqui na minha rua aconteceu isso. Então a gente diz: “Olha Zezinho. É legal. A gente vai passar aí, vamos checar e conversar com mais gente e tal”. Ou mesmo se liga fora do ar, a gente diz: “Me dá seu endereço e seu telefone, que alguém vai passar por aí, vai ver, vai verificar”. Se é uma denúncia, normalmente nós evitamos fazer denúncias de pessoas isoladas. Quando a Dona Benedita, que eu citei o nome dela, faz uma denúncia, ela não está fazendo sozinha, porque participa da comunidade e de um grupo. A gente já sabe que, antes de ela ligar para a rádio, aquele grupo que ela faz parte já está sabendo. Ela tem uma base por trás. Quando é alguém que não tem essa credibilidade, então nós fazemos o seguinte: reunimos os moradores da sua rua, os seus vizinhos e a gente vai uma hora e conversa com todo mundo. Faz entrevista com várias

peessoas, depois a gente coloca no ar, na boa, tranquilo.” Nós distinguimos. Têm lideranças comunitárias que são fontes para nós de informação. São pessoas que nós conhecemos e que têm credibilidade. São pessoas que a gente sabe, historicamente, que não vão falar besteira ou fazer uma denúncia absurda ou simplesmente denunciar por denunciar. E existem as pessoas que não são conhecidas sob esse aspecto, mas que são ouvintes, conhecem a gente, sabem quem somos e, por isso, merecem nossa credibilidade e respeito. Só que a gente vai checar a informação.

Luciano Maluly: A gente está chegando no final. Gostaria de deixar as suas considerações finais?

Zé Eduardo: Eu agradeço este espaço e a gentileza de você ter vindo aqui. Eu gostaria de dizer, repetir, reforçar aos colegas estudantes que não deixem de participar, de conhecer no seu bairro, seja pelo jornal ou pela rádio. Procure saber se é realmente rádio comunitária ou se é realmente um jornal comunitário. Não deixem de ajudar, de colaborar, que você vai estar aprendendo com certeza e vai ensinar também. É essa a oportunidade. E é lógico que eu não posso deixar passar também a oportunidade de dizer: se você está estudando e é estudante de jornalismo ou de comunicação, faça a sua pré-sindicalização. Participe! O sindicato de classe, quanto mais associado, mais forte é. Nós precisamos hoje de sindicatos, entidades associativas, fortes, porque a nossa sociedade funciona dessa forma. O sindicato é forte na medida em que reúne mais pessoas. Tem falhas, tem; tem defeitos, tem. As rádios comunitárias também têm defeitos. Nós, na Associação Cantareira, se as pessoas forem ficar lá com a gente, vão ver que não é um mar de rosas. Nós temos problemas, dificuldades e falhas. Nós estamos procurando corrigir. O sindicato é a mesma coisa.